



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL DE05582008GR



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913

15 de Março de 2008 • Ano LXV • N.º 1670
Preço: € 0,33 (IVA Incluída)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D.G.C.S. 100398 • Depósito Legal 1239

Derrotas e Vitórias: Páscoa!

O Inter-Casas já começou. Coube à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, berço da Obra da Rua, a honra de abrir o referido campeonato, recebendo os Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal. Era um sábado cheio de sol e pronunciadamente primavera.

Se os resultados, quanto a vitórias e derrotas, na psicologia dos Rapazes, são importantes e motivadores, importa, quanto a nós, realçar os valores que norteiam tão bela iniciativa.

Sendo nós, Obra da Rua, uma grande Família – família de Famílias, jó que cada Casa do Gaiato o é por natureza – importa destacar valores como, a coesão, a comunhão e partilha que dimanam deste evento.

São esses valores, de facto, que imparta fazer brilhar, como se de verdadeiro oira se tratasse, para a taça da vitória.

A união, a coesão entre todos – padres, rapazes, colaboradores e outros amigos, presentes em cada Casa – são o melhor emblema deste «campeonato», bem o sabemos.

Alguém, gracejando de forma construtiva, teria sugerido que se oferecesse a cada padre um golo da vitória alcançada pela equipa da Casa, que foram quatro... Tantos quantos os padres da Obra oli presentes. Foi bela esta presença!

Deixemos os comentários do desenrolar da eventa aos cronistas. Que eles transmitam o entusiasmo e, criativamente, o que, para além dos resultados no marcador, importa ressaltar: o convívio e a amizade desfrutadas em cada Casa e envolvida todos os filhos desta grande Família do Pai América.

Imparta ainda sublinhar que este «campeonato» se vai desenrolar, praticamente, durante este maravilhoso tempo que é a Páscoa do Senhor.

Tempo de esquecer derrotas e apontar em melhores vitórias. Não é de modo algum irrelevante. Há que tirar partido desta circunstância, também!

Em nossas Casas do Gaiato, todos os dias, a Páscoa é proposta como desafio à superação de nós próprias; alcançar horizontes de vida para muitos quase impossíveis.

Continua na página 3



BENGUELA

O bem das crianças

ONTEM, a Criança esteve no centro dum encontro a nível ministerial, com as autoridades locais e outros responsáveis. Está em causa, não há dúvida, o futuro da nação. Por isso, a frase, ao jeito dum *slogan*: «A Criança! Prioridade absoluta.»

Esta preocupação das autoridades governamentais é saudável. Reflecte, sem dúvida, a sensibilidade do governo perante a situação muito precária e frágil em que vive a grande maioria das crianças.

A família ocupa o primeiro lugar em tudo o que diz respeito à vida das crianças. Daí, uma chamada da atenção prioritária, também, para os cuidados a ter com a família, com uma política sábia e oportuna. As crianças da rua não diminuem. Têm família sem o mínimo de condições para atrair os filhos. Fogem para a rua. Fogem da escola. Vão à busca dalgum dinheiro para o que querem. A casa, onde vive a maioria das famílias, não tem o mínimo de condições humanas. Aumenta o número de filhos que nascem fora do lar constituído pelo pai e a mãe. Tantos outros problemas que afectam o nascimento e o crescimento das crianças!

Como referi em Notas passadas, um grupo numeroso de pequeninos veio habitar na nossa Casa do Gaiato. Pedem-nos a vida toda e não chega. Ao ler a história de cada um fico impressionado e apetece-me morrer por eles. Dois gémeos nasceram no meio do mato. Não conheceram os pais e vieram parar, aos cinco dias, a um lar de crianças onde foram amamentados e cresceram até chegarem a nossa Casa. São um encanto! A nossa Teresa dá-lhes tudo o que é e tem. Estes filhos precisam e pedem muito! Falo-vos desta maneira para sentirdes quão necessária é a vossa ajuda.

Enquanto escrevo estas Notas, entra no escritório o nosso grande encarregado do campo a dizer-me que precisamos dum tractor novo para lavrar os terrenos. Ponho as mãos na cabeça e fico em silêncio. Não tenho palavras porque não temos dinheiro para comprar um tractor. Mas o campo é uma fonte de água-viva que mata a sede e também a fome a muitas mães e pais, com os seus filhos na nossa escola e a saúde cuidada por nossa conta. Doutrou modo, ficarão prostrados no chão.

Continua na página 4

SETÚBAL

Construção da sua vida

TEMOS novos chefes na nossa Casa. O lugar que o Chefe ocupa é indispensável e só aos Rapazes compete.

O Rapaz que é escolhido, ou eleito, para servir a Comunidade naquele posto, começa uma nova experiência na sua vida. Embora esteja a fazer-se, é possuidor já das qualidades indispensáveis ao exercício da sua missão. Não é uma carreira profissional que ele começa a construir, mas a estruturação e afirmação da sua personalidade. É uma grande força educativa para Ele, e é também um apoio para a educação dos restantes Rapazes. O Chefe aprende enquanto orienta os outros; o Chefe cresce enquanto incentiva os seus companheiros; o Chefe amadurece enquanto sofre no serviço que presta.

Nem sempre assim acontece. Nem sempre orienta, ou não

incentiva, ou não sofre. Quando tal, caem nele as consequências da sua infidelidade.

Eu tenho para mim que todos nós somos chefes aos olhos de Deus. Somos primeiro que tudo, chefes da nossa vida. Recebemos talentos para pormos a render — para a nossa edificação e, simultaneamente, para a dos outros. Há uns que fazem render a 30, outros a 60 e outros a 100 por cento. A missão é mais ou menos plenamente cumprida. A perfeição chama-se aqui, fidelidade.

Ainda que sejamos infiéis, em maior ou menor grau, temos o consolo de saber que Deus permanecerá, contudo, fiel, porque, como nos diz o apóstolo, Ele não pode negar-se a Si mesmo.

Há-de ser um tempo de grande e profunda tristeza, aquele em que seremos confrontados com o destino que demos aos talentos que recebemos, se os escondemos e

não os fizemos render. Se os realizámos, será a alegria crescente, conforme o produto que com eles conseguimos obter.

Os nossos Rapazes têm hoje a possibilidade de sentir essa alegria, quando ocupam o lugar de chefia na Comunidade e fazem render os seus dons.

Infelizmente é triste ver como a falta da perspectiva destes valores na vida do homem, que lhe são intrínsecos, se querem retirar ao Rapaz, fazendo dele assistente em vez de actor, da sua própria vida. Ao Rapaz não é dada a possibilidade de comer o pão com o suor do rosto; põe-se-lhe o pão à frente e diz-se-lhe: come.

Este comer o pão com o suor do rosto não diz respeito só o trabalho mas também, e acima de tudo, à construção da sua própria vida. É que para construir a vida é preciso suar para vencer, a si mesmo e às situações erradas que nela surgem.

O André, o Igor e o Tiago, começaram um tempo novo nas suas vidas. Foram eleitos, ou escolhidos, para serem chefes, da Comunidade, ou de um grupo de Rapazes. Queira Deus que venham a sentir a consolação daquela palavra de Jesus: «Entra na alegria do teu Senhor».

Padre Júlio

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

PARTILHA — Do Monte Estoril, carta e donativo da senhora D. Maria da Conceição: «Sinceramente vos desejo muita saúde.

Junto cheque de cem euros.

Estou muito feliz, o meu neto, que ajudei a criar e fez hoje 21 anos, acabou o Curso de Direito. Pensei que a melhor maneira de celebrar, seria partilhar com os mais necessitados.»

Esta é a carta da assinante 43689.

Lourdes, de Cacém: «Como sempre, envio os pósinhos para os mais Pobres.

As palavras são sempre as mesmas, admirando sempre o vosso trabalho.

Continuo a pedir muita saúde para continuarem com a vossa Obra. Bem-haja.»

Vem lá, agora, de Famalicão, a assinante 14081: «Há tempo li n' O GAIATO que necessitavam do número de contribuinte para os respectivos recibos.

Como sei que há sempre muitas necessidades, um donativo de cinquenta euros que distribuirão conforme entenderem.

Desejo que todos os que podem, possam ajudar, para enfrentar todas as dificuldades.

Agora, sacos de roupa, de Lili, do Porto e, também com setenta euros. Gratos a todos que nos enviam com amizade.

O nosso endereço:

Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Parece que em todos os jogos, entramos a dormir. A semana passada, sofremos o primeiro golo do desafio mesmo no início. Esta semana não fugimos à regra, e voltamos, com dois minutos de jogo, a ficar em desvantagem. Se calhar até é bom. Digo eu! Embora não goste. Mas o certo é que tudo rapidamente muda de figura. Quando o «adversário» começa a pensar que são «favas contadas», os nossos Rapazes acordam, e começam a fazer uma das coisas que melhor sabem: jogar futebol!

Ricardo Sérgio não é assim muito alto, mas é um verdadeiro «gigante» dentro das quatro linhas. Em tudo: a jogar, a pôr os outros a fazer o mesmo, não cria confusão, não discute com quem quer que seja, e humilde que só ele! Tem o seu feitio. Não é nenhum «santinho», mas nós também não os queremos.

Dizia Pai Américo que: «Nós não queremos fazer santos, que isso é unicamente obra da Graça. Nem santinhos, que é obra de pieguice. Procuramos, sim, obter homens honestos.

A «Obra da Rua» não é fábrica de apilar meninos. Muitos sucumbem, sim. Mais sucumbiriam, se os deixássemos em paz». Ora, quando Ricardo Sérgio é substituído, com certeza que não deve gostar, ninguém gosta, mas não se faz rogado, porque não é egoísta e compreende que quem está no banco, também quer jogar para mostrar as suas capacidades. O mesmo, já não acontece com outros, que quando chega a vez de eles saírem, apesar de também não serem maus Rapazes, são demasiado convencidos. Preocupam-se mais em dar ordens dentro do campo, do que cumprir as que lhes são dadas. Hábitos... que ali não dão resultado!

Mas vamos ao jogo. Um desafio onde mais uma vez não houve qualquer problema no capítulo disciplinar. Logo, a primeira vitória! A segunda foi construída ao longo dos 90 minutos, com golos de Ricardo Sérgio (1), «Bolinhas» (1), Ilídio (2) e mais dois, obtidos pelo inconfundível Abílio. Quem olhar para estes números, a primeira reacção, é de que jogamos contra uma equipa qualquer. Está redondamente enganado! Defrontamos o primeiro classificado da A. F. Porto, no escalão de Juniores e que dá pelo nome de A. C. de Vila Meã, que marcou na nossa baliza dois golos. Um, logo no começo; e outro, na segunda metade do jogo, de livre, por sinal muito bem marcado. Rapazes impecáveis, estes, de Vila Meã. Os nossos não lhes ficam atrás!

Uma semana depois, foi a vez de recebermos a Associação Desportiva São Paio S. C., da A. F. Braga, também no escalão de Juniores. Não correu mal. Podia ter corrido melhor, se alguns dos nossos atletas fossem um nadinha mais humildes. Isto, na segunda parte, porque nos primeiros quarenta e cinco minutos de jogo, aqueles que por norma estão no banco e que foram titulares, para além de terem feito o que lhes foi pedido, foram de uma entrega e de uma aplicação exemplar, durante todo o tempo que se mantiveram em campo.

Desta vez, marcámos primeiro; mas, mesmo a acabar a primeira parte, sofremos o golo do empate, com que viemos para as cabines.

Para a segunda metade do desafio, alteramos a equipa, sobretudo no meio campo. Saiu R. Sérgio, Joel, Pinheiro e «Bonguinha», este último, se continuar assim, vai ser difícil tirá-lo do onze inicial. Para o lugar deles, entraram: Rogério, «Bonga», Serafim e «Bolinhas». Também não estiveram mal, e Rogério, ao contrário do normal, procurou jogar mais do que falar, e o resultado está à vista: foi o melhor marcador, com três golos. Se a maior parte das vezes, não tivessem tanta «cera nos ouvidos», era bem melhor para todos.

Com golos de Abílio (1) e Rogério (3), contra os três do «adversário», dá para ver que o resultado, apesar de ser a nosso favor, foi escasso. Isto, porque há quem não se aplique a fundo, como se costuma dizer. Lá diz o ditado: «Ganha fama e deita-te a dormir». E é bem verdade! Agora, jogam para a fotografia, tentando copiar o que não presta, daqueles que ganham milhões.

Alberto («Resende»)



Os craques da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, berço da Obra da Rua.

MIRANDA DO CORVO

VIA SACRA — Nesta Quaresma, fizemos este exercício de piedade, no II Domingo, dia 17 de Fevereiro, na nossa Capela, pelas 19.30h, seguindo os passos de Cristo até à Cruz. Todos nós precisamos de meditar bem no caminho de Jesus até ao Calvário, para nos convertermos, e assim corrigirmos alguns defeitos da nossa vida.

PADRE HORÁCIO — No dia 28 de Janeiro, o nosso Padre Horácio Francisco faria 84 anos, de vida terrena. A sua entrega à Obra da Rua, em especial nesta Casa do Gaiato, foi lembrada com saudade na Eucaristia desse dia. Que descanse em paz!

VISITANTES — Vários Amigos vêm ao nosso encontro diariamente, com as suas famílias, em especial ao sábado e Domingo. Gostamos de receber casais jovens, com os seus filhos.

No dia 8 de Fevereiro, acolhemos a visita simpática dos alunos do 7.º ao 9.º ano, de Educação Moral e Religiosa Católica, da Escola EB 2,3 Cidade Castelo Branco. Partilharam alguns bens, foi apresentado um PowerPoint, pelo Professor Paulo, visitaram a nossa Casa, jogámos futebol e vencemos por 5-1. No final, apresentaram uma boa merenda. Muito obrigado!

ENFERMAGEM — A Enfermeira Patrícia fez um estudo de pós-licenciatura, com pedido superior, da Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, no mês de Fevereiro, no nosso Lar do Gaiato em Coimbra, e também veio a Miranda do Corvo. Bom trabalho!

ESCOLA DO 1.º CICLO DA CASA DO GAIATO — A nossa Escola também é necessária para a Vila. No dia 7 de Fevereiro, decorreu uma reunião, no Agrupamento de Es-

colas de Miranda do Corvo, para o eventual aumento de alunos, no próximo ano lectivo. Fizeram-se representar: a Câmara Municipal, o Conselho Executivo, a Associação de Pais e a nossa Casa do Gaiato. Este crescimento, desde que seja controlado, é um bom sinal!

OVELHAS — O nosso rebanho teve uma baixa: morreu uma ovelha, que tinha parido. Uma vez que as ovelhas precisam de pastar as ervas que vão rebentando e não se podem perder, adquirimos 14 chocalhos, que foram colocados a 15 de Fevereiro. É um som agradável!

SUÍNOS — Temos 12 porcos e não se esperava que uma das porcas parisse a 18 de Fevereiro. Na manhã desse dia, estavam mortos 5 leitões e apenas 1 sobreviveu. Metia pena, vê-los assim na corte.

SEMENTEIRAS — Aproveitámos a Lua para fertilizar alguns campos e semear aveia. Comprámos 25 sacos, que semeámos, desde 12 de Fevereiro, no campo do poço novo, na terra dos grilos, na terra do Ti Jaime e no olival dos poços. A chuva que caiu, entretanto, veio ajudar à sua germinação.

Alunos do Alternativo

SETÚBAL

HORTA — Na semana passada o «Lota» e o Hélio estiveram na nossa horta a plantar couves, a semear cebolo, feijão, coentros, cenoura, etc. Uma série de coisas. Mas não foram só eles que fizeram tudo isto. O «Monchique» também esteve a ajudar. Para o crescimento da planta agrícola, eles puseram adubo foliar, para as plantas se desenvolverem, e química para as proteger dos insectos. Agora, começaram a preparar um pouco de terreno para plantar

alho. Depois, só terão de tratar delas, para se desenvolverem.

RAPAZ NOVO — Há pouco tempo veio para junto de nós mais um Rapaz novo. Tem sido em seqüências os Rapazes que vêm para nossa Casa. Este chama-se João, e pelo que nos mostra, de certeza que gosta de se divertir e conviver. É ainda demasiado cedo para ele nos dizer o que acha da nossa Casa, mas iremos fazer o nosso melhor para que ele tenha as melhores impressões da nossa vida em Família.

INCIDENTES — O Ussumane, após um mês no Hospital do Outão, teve finalmente alta e já cá está. Em simultâneo, o Júlio Costa partiu um braço em disputa de bola com outro rapaz, num confronto de futebol. Por fim (esperamos que seja o último), a D. Teresa, ao ir tomar café ao nosso bar, caiu e feriu a testa. Esperamos as melhoras para todos.

ELEIÇÃO DO CHEFE — Há dois sábados atrás, realizou-se no nosso bar a eleição de um novo chefe para ficar com o cargo da nossa Casa. Os votos ficaram a favor do André Machado e, por isso, desempenhará esse papel. O «Bebezão», que era outro candidato a chefe, foi tomar conta da casa IV. Esperamos que desempenhem a sua função no seu melhor e que ajudem a contribuir para o bom funcionamento da Casa.

Danilo Rodrigues

Escola boa / Escola má

*Não gosto da Escola
Mas preciso dela
O que farei sem ela
Sem a Escola não sei o que seria*

*Hoje sou um miúdo
Amanhã serei um homem
Não penso que serei um bandido
Mas sim um senhor doutor.*

Mário «Ronaldinho»

Derrotas e Vitórias: Páscoa!

Continuação da página 1

Em nossas Casas de Família há muitas vidas que nasceram em contextos sociais marcados pela «derrota» e que sonhamos reabilitar para a dignidade humana de cidadãos e filhos de Deus.

«Trabalho» pascal em linhas nem sempre homogêneas, nem tão definidas, como são as da «grande área».

Precisamos de quem ajude neste campo, de quem faça «reportagem» de forma positiva, com o coração e o compromisso.

Que satisfação indescritível sentimos ao ver, como espectadores, professores e colegas de escola, ami-

gos, colaboradores, vizinhos e antigos gaiatos como apoiantes dos Rapazes...

Apoio deste precisa-se nas «quatro linhas» e noutras tantas que a vida, às vezes, tece de forma desforcida.

Estes Rapazes, filhos nossos, bem merecem; muito precisam de quem os valorize e não os humilhe.

Bem desejaríamos que este «campeonato» fosse uma romaria pascal; daquela Páscoa cujas aparições do Ressuscitado, se multiplicam em novos contextos e formas pessoais, fortalecendo a motivação e o compromisso de servir e dar a vida.

Padre João

De cartas

«Acompanho com todo o carinho tudo quanto se passa nessa grande Obra e também com revolta as injustiças de que têm sido alvo. Não me esqueço de vós nas minhas orações e peço a esmola que oréis também pelos meus filhos e por um netinho que vem a caminho.

Que o Senhor abençoe todas as crianças do mundo.

Assinante 26381»

«Aproveito esta oportunidade para manifestar a minha profunda admiração pelo trabalho devotado e gratuito que desenvolvem a favor das crianças esquecidas pelos adultos.

Todos falam: blá... blá... blá; mas a entrega generosa, movida pelo amor de Deus, é vossa e muito honra a Igreja...

Pedro»

«(...) Este ano vou alargar um pouquinho mais a insignificância que vos costume enviar. É que, nesta altura, não falta subscrito com peditórios na caixa do correio. Pareceram-me suspeitos. Assim, juntei tudo o disponível e envio-vos, porque sei que aí são bem aplicados.

Maria»

«No meio deste mundo tão louco, tão violento, que nos rodeia, vós sois uma estrela no meio desta imprensa tão injusta, tão cruel mesmo — uma estrela que tão bem sabe falar de Amor, da Família, de Valores que sabemos certos.

Muito grata por tudo quanto me têm dado...

Assinante 29888»

«Todos os dias eu agradeço ao Espírito Santo o ter iluminado o saudoso Padre Américo para a criação dessa Obra, e peço a Sua Luz para todos os que trabalham nela agora, pois mais do que nunca, ela é precisa no mundo em que vivemos, tão conturbado.

Assinante 37459»

«Apesar de todas as dificuldades por que estamos a passar, e que tudo indica irão continuar, não quero deixar de contribuir para a Obra maravilhosa do Padre Américo, que tantas vezes testemunhei em Benguela (Angola), onde nasci e vivi até à independência.

Assinante 55685»

DOCTRINA



Incendiários

EU cá não leio nada. Não estudo nada. Não sei nada. Tenho só um livro: é o Novo Testamento. Começo no princípio e vou por aí fora até ao fim. Torno a começar e vou, vou, até acabar. Isto durante um ano. Isto durante dois anos. Isto sempre. São perigosos os homens de um só livro e podem vir a ser incendiários. Cautela! Não sei nada, ia dizendo, mas tiro muitas coisas por dedução. Conta-se que um homem, pela queixada dum fóssil, tirou o corpo inteiro do animal, como ao depois se verificou num cemitério de bichos antediluvianos. Duma pequenina parte fez o todo. Este é justamente o poder da dedução. Ora o Novo Testamento traz «queixadas». Muitas «queixadas». São palavras isoladas, escondidas — fochos! É questão de reparar, fazer pausa, olhar bem — e a luz aparece. Isto vem a propósito de uma carta que acabo de receber de um jovem sacerdote, pároco de duas freguesias da Diocese da Guarda:

«É pena não ser ele (O GAIATO) conhecido de todos. A sua doutrina, ministrada por conta-gotas, não causa indigestão e infiltra-se, certamente, pela maneira do dizer. É necessário que nós, os padres, compreendamos, e sem demora, que temos de pôr obra. Os adversários levar-nos-ão a palma, e adeus fiéis, adeus Igreja de Cristo, que mal irás por culpa nossa.»

«A DEUS Igreja de Cristo», diz este meu colega. A Igreja é o Testamento do Justo que o Povo daquele tempo crucificou. Ficou o Testamento e ficou o Testador. Não há melhor nem mais forte herança. Se nós, os do Ocidente, lhe dissermos adeus, ficamos empobrecidos, sim, mas não a Herança diminuída. Vai enriquecer outros Povos. A implantação da Igreja de Cristo foi luta. A História Antiga há-de necessariamente falar disso. Há-de, porque mexeu com muitos Povos, muitos costumes, muitas civilizações. Há-de, sim. Que o digam os estudiosos. Quanto a mim, o que sei, tenho-o no Novo Testamento. Daquelas tais palavras escondidas nos textos — «queixadas». Os primeiros ímpetus com o Povo escolhido, os detentores da Promessa; os Apóstolos eram justamente daquela grei. Isto dever ter sido o pior, porque luta de irmãos. A seguir, os grandes, os grandes de Roma. Paulo preso em Roma. Um Apóstolo prisioneiro dos Romanos. Nunca ele disse a ninguém que havia sido preso pelos Romanos nem deles se queixou. Dizia-se prisioneiro de Cristo, «vinculus in Domino» — ó incendiário! A seguir, e neste mesmo espírito, os conquistadores da parte do mundo que hoje habitamos, quando essas terras tinham outros nomes e eram habitadas por outras gentes. Conquistadores contra conquistadores. De sorte que, quem quer que tenham sido e onde quer que hajam trabalhado, sabemos que sem luta nada fizeram. Nada podiam ter feito. Seria a negação de uma verdade eterna. Lutaram como viram o Mestre lutar: sem morada certa, a comer espigas pelos campos, abençoando quando amaldiçoados. Luta. A implantação da Igreja de Cristo foi luta.

A Igreja de Cristo não pode quedar. Ela é acção por natureza. Não podemos viver dos feitos dos primeiros Apóstolos; temos de fazer como eles fizeram. Sair para a rna. Conquistar. Dar a mão às algemas. Lutar. Só desta maneira é que caem os falsos densos. Sim, meu bom colega. Como muito hem diz, «é necessário que nós, os padres, compreendamos». Gosto deste plural. Aceito e digo mais: «É necessário que os Seminários compreendam». Aqui é que bate o ponto. Em vez de sermos preparados para ganhar, havíamos mas é de ser preparados para perder a vida. A primeira noção é justa, é sã, é humana, sim. A segunda é divina. É a vocação sacerdotal. Vocação plena.

EU risquei uma palavra na carta a que me reporto, com licença de quem escreveu. Aonde dizia «os inimigos levar-nos-ão a palma», eu pus os «adversários». Não gosto da palavra inimigos; antes quero adversários. Contra nós. Contra nós, porquê? Primeiro um exame de consciência. Uma consulta interior. Um olhar sincero e desapaixonado para eles e para nós outros. Oxalá não haja razões contra nós! Ó terrível conjuntura!! Nós, quem?... O meu colega o diz: «nós, os padres». Os tais adversários, ou inimigos, se assim lhes querem chamar — esses, que são infelizmente a maioria, não-de ser nossos um por um, no dia em que virem nas nossas obras, as mãos, e na nossa linguagem, a fala de Jesus Nazareno. Só então, e só assim, faremos amigos dos tais inimigos. Nós não podemos de maneira nenhuma ser um ornamento social, classe privilegiada, envolvidos nos negócios do século e interesses terrenos. Não, que somos chamados a coisas mais altas. Antes, debruçados sobre as feridas alheias, esquecidos do que somos e do que valemos, anónimos, humildes, loucos. Assim munidos e prevenidos, sem sermos pesados a ninguém, vamos até onde chegarem os Mártires e os Apóstolos. Incendiários.

Padre Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — É com prazer que vos damos notícias do nosso trabalho, para com os nossos irmãos mais carenciados.

Como devem imaginar, é muito difícil nos dias de hoje fazer face às despesas de um lar. As famílias sentem, cada vez mais, dificuldades, uma vez que os seus salários são baixos e as pensões muito pequenas. Nós tentamos, dentro do que nos é possível, ultrapassar essas despesas prioritárias, mas, por vezes, não é suficiente.

Para alguns dos nossos irmãos carenciados, temos que ensiná-los a gerir as suas despesas, para que eles não pensem o facto de todos os meses levarmos a nossa ajuda, estas são controladas. Queremos que eles entendam que todos os meses temos compromissos com outros necessitados e, por vezes, surgem uns SOS e temos que estar preparados.

Queremos aproveitar para pedir desculpa a alguns Amigos de só agora estarmos a agradecer, mas, às vezes, falhamos em escrever para o Jornal, mas esperamos que todos compreendam.

Vamos aproveitar para transcrever alguns postais de Boas Festas que recebemos:

«Às vezes, muitas, dá vontade de ser como este pai natal! Não apenas para colorir as estrelas, mas para "desenhar" sorrisos e cabezas de

Natal, recheados de saúde e de trabalho a distribuir por quem realmente deles carece. Enquanto não chega esse dia, vamos, com carinho, cuidado e as possibilidades de cada um, dar um pouquinho para ajudar a mitigar o que mais premente e carente haja por aí. A cada um dos senhores que fazem desta Obra uma Obra maior, o meu bem-haja e desejo pessoal de continuarem», assinante 11639.

Um cheque do nosso Amigo para ajudar a avó.

Assinante 33275, um cheque. Amiga, de Fiães, a sua pontual ajuda. Amiga, de 77 anos, enviou roupas e 30 euros. Anónimo, 50 euros. António Fernandes, 50 euros. Maria Augusta, 5 euros. Amiga, Isolina, dois cheques.

«Natal! Que o Mundo procure esquecer de novo a dor e a tristeza para sentir o júbilo anunciado pelos anjos no Presépio de Belém. Porque, enquanto houver um sorriso de simpatia, uma palavra de carinho, um pequeno gesto de amor, o Natal existirá sempre em todos os corações. Desejo a todos os que vivem e colaboram nessa Casa, um Natal e um Ano Novo plenos de serenidade, saúde, paz e amor». Dalila.

«Os melhores desejos de um Santo Natal e que o Novo Ano vos traga muita saúde e forças para poderem continuar essa maravilhosa missão a favor dos mais desportegidos. Para que tal seja menos difícil, junto chequinho de 50 euros». Assinante 22890.

«Aqui mando uns pósinhos para a avó necessitada de que falava O

GAIATO de 15 de Setembro. Espero que mais almas generosas se juntem, se lembrem que somos todos irmãos e que o que damos de boa vontade não será amplamente dado de novo. Nunca ficamos a perder.

Espero que os tempos e a minha vontade de ajudar não esmoreçam e sempre que possa, mandarei mais uns pósinhos para animar quem se sente só e desamparado. Peço só que rezem a Deus para que nos ajude a todos, que os tempos, infelizmente, vão difíceis! Mas Deus é Pai e não podemos perder a fé! Um abraço para todos e muita Fé e Esperança em dias melhores». Amiga, Maria Luísa.

Para ajuda da avó, cheque, Maria da Graça. Assinante 11282, 50 euros. Amiga, Isabel Martins, um vale. Emília Ferrão, 10 euros. Amiga, Judite, roupas e donativo. Maria Luísa, cheque. Emília Rodrigues, 20 euros. Joaquim Araújo, 25 euros. Maria Inês, o seu donativo. Manuel Ferreira, o seu donativo.

A pedido de alguns Amigos, passamos a indicar o nosso NIB: 0018.0000.075136890.0188.

Sabemos que é mais fácil e seguro, mas iremos ficar sem saber quem nos envia os donativos. Por este motivo, esperamos as vossas cartitas a darem conhecimento da operação ordenada.

Queremos agradecer a todos os nossos Amigos os seus donativos e bem-haja a todos.

Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto.

Casal vicentino

Pobreza infantil

ESTA semana foi pródiga no relevo jornalístico dado ao problema da pobreza infantil que «atinge uma em cada cinco crianças portuguesas», número que nos coloca no penúltimo lugar da lista europeia sobre tal matéria. Das publicações que vi, só em uma se destacava na primeira página esta pista de reflexão apontada pela Presidente do Banco Alimentar: «números reflectem sociedade actual»; e em outra, voz da Confederação Geral de Trabalhadores dizia que «esta situação não é surpreendente porque a pobreza está a agravar-se nas famílias portuguesas e isso, obviamente, reflecte-se nas crianças».

Ora eis. Habitados a olhar as feridas sociais no seu aspecto chocante e a procurar-lhes cura, geralmente com bastante aparato emocional mas com remédios de epiderme — estagnamos na periferia dos problemas quando deveríamos subir à profundidade das suas causas e aí tratarmos os males na raiz. Falar de pobreza infantil desintegrando-a do contexto da pobreza global em que as crianças realmente vivem (algu-

mas vegetam no decorrer de anos e anos) é abstracção que não conduz a algo de válido. E a pobreza global que envolve e afecta as crianças não consiste apenas em deficiência económica, mas também em grande vazio de bom senso — e, apesar de tudo, é ainda o Povo quem melhor o conserva.

A deseducação colectiva cresce e generaliza-se fruto de interesses económicos que esquecem a sua função social e se fixam nos seus objectivos particulares, sabotando sempre mais a Justiça Social e o clima de serenidade que dela resultaria, do qual as crianças seriam beneficiárias.

Em todos estes problemas a Educação é uma resposta primeira e insubstituível, mas não somente a respeito das crianças, confundida com a escolaridade. Infelizmente a Escola tem vindo a perder progressivamente o seu papel educativo e daí, necessariamente, a sua eficácia na Instrução — um desatino que vem de cima para baixo e se abate sobre as crianças e jovens a quem aproveitaria mais estabilidade e maior austeridade. Eles mesmos o perceberiam a seu tempo. Portanto

o grande esforço educativo da sociedade em geral terá de começar muito a montante, de modo que as águas cheguem límpidas e sãs às crianças e jovens que as hão-de beber.

A Família tem sido a grande esquecida, se não mesmo alvo pretendido, dos poderes mais ou menos visíveis que comandam os destinos da Humanidade. Qualquer acção com Verdade, respeitadora fiel da natureza do Homem e das suas Instituições, e por isso mesmo fecunda, tem de partir daqui. O resto são actos avulsos que vão entendendo os problemas reais, mas não os resolvem. Um Órgão nacional que cruzasse os dados de todas as outras áreas da vida colectiva e permitisse vê-la toda num só olhar e prevenir prejuízos que venham a afectar o Homem e as suas naturais Instituições, a Família a primeira, seria precioso..., mas não tem merecido interesse aos responsáveis da *res publica*. É pena! Quem sofre da omissão são sempre os elos mais fracos da corrente social. Destes são parte as crianças que, quebrado o elo, irão depois ser *protegidos* por uma inflacção de medidas e de agentes, por alto preço e bastante ineficaz.

Padre Carlos

MOÇAMBIQUE

Cantinho abençoado

A gente anda cheio. Não do trabalho, apesar da capacidade física se ir reduzindo; não do muito que a memória do futuro vai acumulando com insatisfação e ânsia; não dos Rapazes que sendo muitos, uns nos vão enchendo o coração e sarando feridas que outros abrem. Cheio de preocupação, sim, pelo futuro ainda tão incerto deste país que deu os primeiros passos, mas está titubeando e não se endireita para encarar o devir, com confiança em si mesmo.

Começam a faltar lugares de trabalho para os que se vão formando. Não sei se por dúvida de que tantas universidades dêem capacitação sofrível em algumas áreas laborais, ou se, realmente, não há mesmo tantas empresas e serviços a carecer de gente especializada.

Há duas categorias de serviços que não dão mãos a medir: espectáculos e restauração. Até já chegou a nossa Casa a oferta de encaminhar pré adolescentes a formar-se para os propalados «Fama show». De resto, mais alguns, este ano, foram para Hotelaria e Turismo.

Todo o mundo está a encarrear-se para pensar em grande, na vida de um País que nem pernas tem para andar. Quando escrevo pernas, estou a focar aquelas pessoas que de tão obesas mal podem andar. É uma imagem anedótica veridicamente crítica, se recheada de todos os adereços que lhe queiramos acrescentar, por fora e por dentro.

Se a nossa Casa não fosse um cantinho abençoado, rodeada de capim e selva, onde até as cobras e macacos entram na Capela, sem macular a presença de Deus que acolhe suave e meigamente quem ali entra, seríamos esmagados pelo mundo da cidade, onde temos de mergulhar todos os dias.

Para lá da Capela grande, a que alguém quer chamar de catedral porque a grandeza interior e a imensidade exterior criam um silêncio tão eloquente e penetrante que põe a alma a descoberto para sentir o toque de Deus, temos a capelinha recolhida dentro de portas. Um grupo dos mais pequenos, quase sempre, rodeia o Altar. O David, o mais irrequieto de todos, há dias, assentou o queixo na mesa sagrada e não retirou dali, mesmo no momento mais misterioso da Consagração. Não me atrevi a chamar-lhe a atenção, se estava tão absorvido, e até me ajudou a contemplar o Amor ali figurado. Um vislumbre da vida eterna. Outras vezes fica sentado na cadeira com tanta compostura que só mesmo o toque do sobrenatural pode levá-lo. Por vezes, é o Américo, este já com doze anos, que começa a cantar: «Jesus Cristo eu te adoro, te ofereço a minha vida, como eu te amo.» Todos o acompanham com voz suave e timbrada. É certo que, no momento apropriado, faço um breve comentário das Leituras, mas que leitura a sua alma fará do Mistério que celebramos juntos? Será que percebem mais pelos sentidos que eu pela mente?

Não fôra este o conforto do nosso dia-a-dia e a Casa não se mantinha de pé. Muitos dos mais velhos ali vão e ficam recolhidos, logo pela manhã. Quando os topo lá dentro, recuo discretamente, confundido, com o coração a badalar acção de graças.

Padre José Maria

Património dos Pobres

LEVAR até à recuperação possível a saúde do homem paraplégico, caído de uma árvore há catorze anos, vindo de um país africano de expressão portuguesa, cuja tragédia relatei n' O GAIATO de há três meses, tem sido a minha maior preocupação.

Havia-me comprometido somente com hospedagem e apoio. Não imaginava, na altura, que tudo me iria cair em cima!

À medida em que as autoridades públicas lavavam as mãos (com os pobres é fácil), aumentava a minha obrigação e a minha dor.

Depois das radiografias e das consultas, a sentença foi: — Nada fazer que não valia a pena. — O homem não tinha músculos nas pernas, os nervos tinham-se atrofiado, nada adiantava endireitar-lhe os ossos, que ele não conseguiria andar.

O esclarecimento era lógico, mas o meu coração perturbado não entendia este discurso.

— Não haverá nada a fazer, senhores doutores? Não será possível recuperar-lhe primeiros o que ele tem definhado e intervir depois, cirurgicamente?

— É uma sugestão — descartaram.

Encontrar um centro de recuperação adequado foi fácil. Mas entrar lá? Sim. Marcar consulta? Conseguir o internamento?!

Quantas voltas, quantas viagens e quantos pedidos!... — Só Deus sabe!

A gente tem de jogar, dolorosamente, com aquilo que não aceita, para alcançar o que a qualquer homem é devido. Assim aprendemos o quanto é dura a vida dos pobres! Como o laicismo afasta as instituições das pessoas que deviam servir e como as consciências dormem ao lado da tragédia dos outros.

O preço do internamento com os cuidados a desenvolver é algo que assusta. Muito rente à quatro centenas de euros por dia!... Mas eu estava disposto a tudo! Queria era a entrada do doente, custasse o que custasse.

Deus veio em nosso auxílio, espontânea e providencialmente, como é normal nestas aflições.

Bati a tantas portas oficiais e... todas se fecharam!...

Vem uma instituição da Igreja que tinha lido, no Jornal, a história do pobre e se havia condoído, oferecer-se para passar um credencial abonatória do pagamento! Requisito indispensável à admissão.

Um amigo, assumindo comigo a situação do paraplégico, pegou numa valiosa jóia de prata, que ornamentava a sua sala e pôs-na nas mãos, com palavras transcendentais: — *É minha e de Fulana* (a Esposa há muito no Céu). *Resolvemos dá-la aos Pobres!*...

Um outro, ligou-me para o telemóvel a queixar-se da dificuldade em me contactar: — *Vendemos uns bens e queremos entregar o seu valor a três obras da Igreja, uma das quais é o Património dos Pobres!*

Grande testemunho de comunhão conjugal.

Não precisamos de pôr Deus à prova, estar atento àqueles que confiam e, na pobreza, amam os pobres.

No centro de recuperação encontramos, logo, gente admirável, compassiva com o sofrimento e a carência do meu protegido.

Roupas, produtos de higiene, uma cadeira de rodas em melhor estado que a que eu lhe tinha conseguido, etc. Foram dádivas que o deslumbraram, o incluíram no ambiente, lhe facilitaram a socialização e deram muita força.

Fui vê-lo oito dias após o internamento. Parecia outro. A limpeza, a roupa, o manejar da cadeira de rodas, a alegria explosiva: «*Há aqui muitos pior do que eu!*» O brilho dos olhos, fizeram-me senti-lo cheio de esperança que eu comunguei com júbilo e consolação.

É também isto o Património e a minha vida!

A direcção postal do Património dos Pobres:
Lar do Gaiato
Trv.ª Padre Américo
3000-313 Coimbra.

Telemóvel: 934 612 499

Padre Acílio

PENSAMENTO

A Justiça tem por fundamento o Amor.

PAI AMÉRICO

Benguela

Continuação do página 1

Entraram pequeninos. Agora, depois de crescerem e se prepararem na escola e nas oficinas com um curso de formação profissional, entram como cidadãos normais no mundo do trabalho à busca da sua autonomia. Assim aconteceu, há dias. Dez rapazes foram para os seus empregos. Como filhos, dentro duma família natural, vão e vêm, durante os primeiros meses. Depois, partem. Ontem, foram dois a despedir-se, a lembrar com gratidão todo o tempo em que viveram na Casa do Gaiato e a prometer que passariam por cá, de vez em quando. Um deles, com a 12ª classe, é professor e vai continuar a dar aulas. Quer estudar na universidade. Vou ajudá-lo até onde puder.

Queremos ver felizes as crianças de Angola. Não podemos valer a todos os filhos que andam pelas ruas, de mãos estendidas. Estamos com eles. Vão aumentar, enquanto a família não ocupar o seu lugar que é insubstituível para o bem das crianças.

O nosso encarregado do campo falou-me da necessidade dum Tractor!

Padre Manuel António